

O PANORAMA.

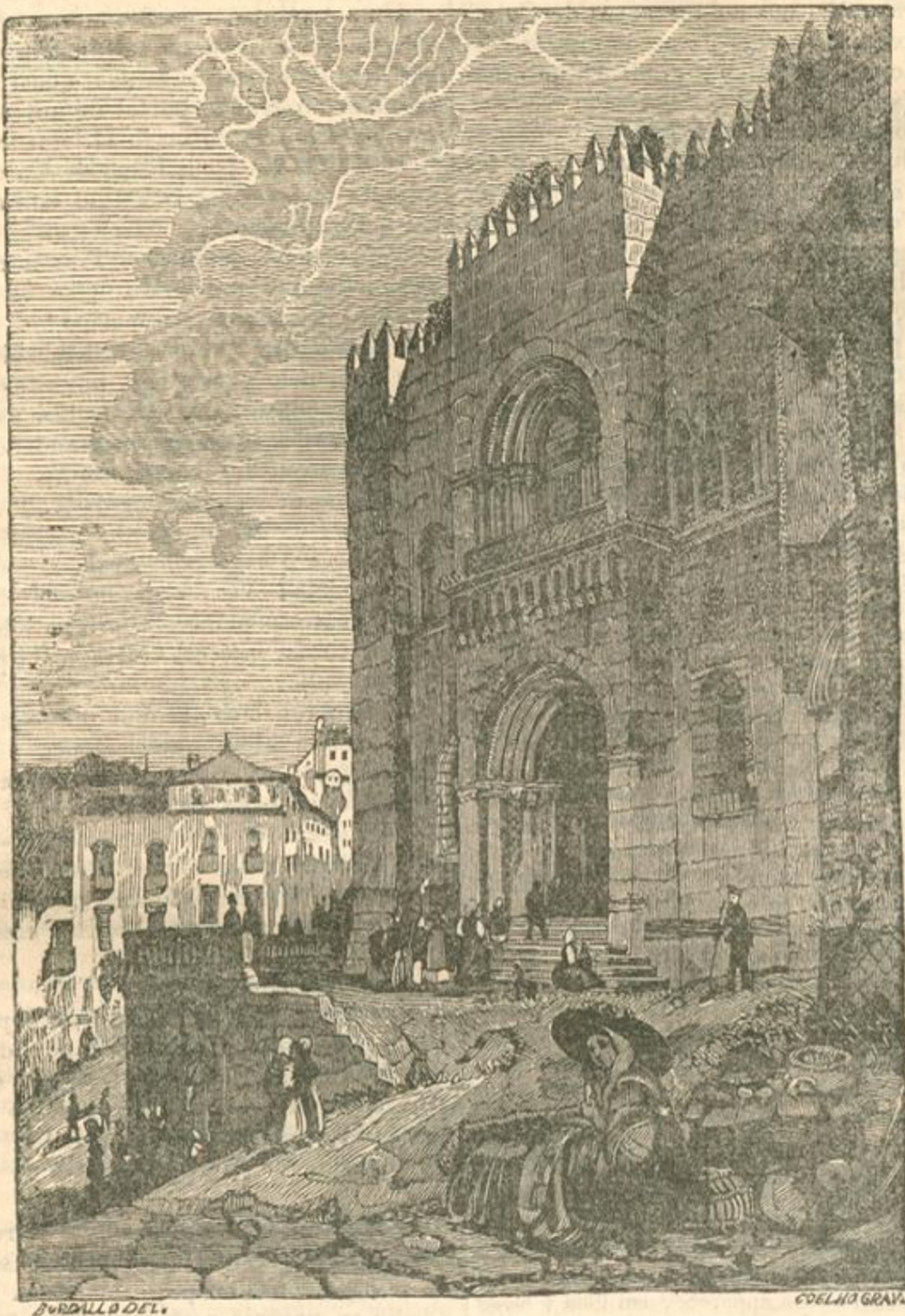
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

126)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 28, 1839)



A SÉ VELHA DE COIMBRA.

O CHRONISTA.

(Viver e crer de outro tempo.)

1535

II

O VIVER.

É O LICENCIADO, correndo pelos olhos a antiga escriptura, dizia desta maneira: (*)

(*) Alguem achará falso o tom poetico em que imaginámos estar escripta uma chronica latina dos seculos *barbaros*: enganar-se-hão: ha em muitas dellas mais poesia, não só na essencia, mas até na expressão, que em grande parte dos versos de tempos modernos.

VOL. III.

— Houve um tempo em que a sé de Coimbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tismadas pelos annos, eram ainda pallidas, como as margens areentas do Mondego. Então o luar batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade que os proprios raios daquelle planeta guardador dos segredos de tantas almas, que só nelle creem que exista uma intelligencia que as perceba.

Então aquellas ameias e torres não haviam sido tocadas das mãos de homens, desde que os seus edificadores as tinham collocado sobre as alturas; e todavia já então ninguem sabia se esses edificadores eram da nobre raça goda, se da dos conquistadores arabes.

Mas, quer filha dos valentes do norte, quer dos

pugnacissimos sarracenos, ella era formosa na sua singella grandeza entre as outras sés das Hespanhas. Ahi succedeu o que ora ouvireis contar.

Corria em meio o duodecimo seculo. Na batalha de Ourique D. Affonso Henriques fôra aclamado rei de Portugal. Pouco havia que fallecêra seu bom e leal aio e amo, o velho Egas Moniz: D. Tareja sua mãe ainda jazia preza, desde que elle a vencêra e ao seu terceiro marido, o conde de Trastamara; o moço rei morava então nos nobres paços de Coimbra, esperando favoravel ensejo de accommetter Lisboa, cidade principal do reino, ainda então occupada de mouros (**).

Em uma das torres do velho alcacer de Coimbra, encostado entre duas ameias, a horas que o sol fugia do horisonte, elrei conversava com Lourenço Viegas o Espadeiro, e com elle dispunha meios, e apurava traças para guerrear a mourisma.

E lançou casualmente os olhos para o caminho que guiava ao alcaçar, e viu o bispo D. Bernardo, que, montado em sua possante mula, cavalgava apressado pela encosta acima.

«Vedes vós, disse elle ao Espadeiro, o nosso leal D. Bernardo, que para cá se encaminha? — Negocio grave por certo o faz sair a taes deshoras da crasta de sua sé. Desçamos á salla d'armas e vejamos o que elle quer»: e desceram.

Grandes lampadarios ardiam já na salla d'armas do alcaçar de Coimbra, pendurados de cadeias de

(**) Na chronica de Acenheiro, a historia dos primeiros reinados é um tecido de quantos erros e fabulas corriam entre o vulgo, no principio do seculo 16.º, ácerca daquellas epochas: esses erros e fabulas constituem, porém, parte da poesia da historia: foi esta que quizemos aproveitar. Pondo na boca do chronista o que vamos escrevendo, não devemos faze-lo fallar como Fr. Antonio Brandão, ou João Pedro Ribeiro, aos quaes importava a verdade dos factos, e não o espirito dos seculos: nos escriptos d'elles achará *provavelmente* aquella, quem só em busca da verdade dos successos andar. Nós procuramos desentranhar do esquecimento a poesia nacional e popular dos nossos maiores: trabalhamos por ser historiadores da vida intima de uma grande e nobre, e generosa nação, que houve no mundo, chamada nação portugueza, a qual ou já não vive, ou se vive, já nem ao menos tem esforço, ou virtude para morrer sem infamia. Alargamo-nos nesta nota, porque alguém nos increpou de haver-mos alterado a historia em varias chronicas-romances que temos publicado, principalmente no *Mestre Gil*, e na *Abobada*: era-nos licito faze-lo; mas cremos que não o fizemos em cousa essencial: nisto démos a *chronica*; no vestuario com que o enfeitámos démos o *romance*. — Não confundamos idéas; — o extra-historico não é o contra-historico. *Vivem* acaso naquellas duas *novellas*, se quizerem — as epochas a que alludem? — Não teremos tanto orgulho que, sem receio, o affirmemos. Mas se com effeito apparece, em uma o *modo d'existir portuguez* do tempo de D. João 2.º, n'outra o *crer e sentir robustissimo* do reinado de D. João 1.º, diremos sem hesitar que saímos com o nosso intento.

Preso por mil; preso por mil e quinhentas: — diz o velho adagio. Vá aqui mais uma humilde opinião nossa. Parece-nos que nesta cousa chamada hoje *romance-historico* ha mais historia do que nos graves e *inteiriçados* escriptos dos historiadores. Dizem pessoas entendidas que mais se conhecem as cousas escocezas lendo as *Chronicas de Canongate* de Walter Scott do que a sua *Historia d'Escocia*. Tambem ha quem diga que no mais grado quarteirão d'historias de França, escriptas até o anno de 1800, não tinha apparecido ainda a epocha de Luiz 11.º como appareceu depois na *Notre-Dame* de Victor Hugo. São cousas deste mundo! — Não poderemos por certo dizer outro tanto das nossas, em tudo pequenas e pobres tentativas (as primeiras, todavia, que neste genero se fazem em Portugal) mas se, como intentamos, publicarmos estas composições e outras semelhantes em volume separado, mostraremos quaes foram os pensamentos que presidiram á concepção da criminosa *Abobada*, e do desalmadissimo *Mestre Gil*; e gente haverá, talvez, que ache esses pensamentos mais profundamente historicos que &c.

ferro chumbadas nos fechos dos arcos de volta de feradura, que sustentavam os tectos de grossa cantaria. Pelos feixes de columnas delgadas, divididas entre si, mas ligadas na base por um socco geral e macisso, pendiam corpos de armas brunidas, que reverberavam a luz das lampadas, e pareciam cavalleiros armados, que em silencio guardavam aquelle amplo aposento. Alguns escudeiros faziam retumbar as abobadas, passeando de um para outro lado.

Uma portinha, que ficava em um angulo da quadra, se abriu, e della saíram elrei e Lourenço Viegas que desciam da torre: quasi ao mesmo tempo assomou no grande portal de entrada a figura veneravel e solemne do bispo D. Bernardo.

«Guarda-vos Deus bispo de Coimbra: — que mui urgente negocio vos traz aqui esta noite? — disse elrei a D. Bernardo.

«Más novas, senhor. — Trazem-me aqui letras do papa, que ora recebi.»

«E que quer de vós o papa?»

«Que de vossa parte vos ordene solteis vossa mãe...»

«Nem pelo papa, nem por ninguem o farei.»

«E manda-me que vos declare excommungado, se não quizerdes cumprir seu mandado.»

«E vós que intentaes fazer?»

«Obedecer ao successor de S. Pedro.»

«Que? — D. Bernardo amaldiçoaria aquelle a quem deve o bago pontifical; aquelle que o alevantou do nada? Vós, bispo de Coimbra, excommungarieis o vosso principe, porque elle não quer pôr a risco a corôa, que em Ourique lhe pizeram na cabeça os cavalleiros portuguezes?»

«Tudo vos devo, senhor rei, — atalhou o bispo — salvo minha alma que pertence a Deus, minha fé que a devo a Christo, e a minha obediencia que guardarei ao papa.»

«D. Bernardo! D. Bernardo! — disse elrei suffocado em colera — lembrae-vos de que affronta, que se me fizesse, nunca ficou sem paga!»

«Quereis, senhor rei, soltar vossa mãe?»

«Não! Mil vezes não!»

«Guardae-vos!»

E o bispo saiu, sem dizer mais palavra. Elrei ficou pensativo por algum tempo; depois fallou em voz baixa com Lourenço Viegas, e encaminhou-se para a sua camera. D'ahi a pouco o alcaçar de Coimbra jazia, como o resto da cidade, no mais profundo silencio.

Pela alvorada, muito antes de romper o sol, no dia seguinte, Lourenço Viegas passeava com elrei na salla d'armas do paço mourisco.

«Se eu proprio o vi, montado na sua boa mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra de Sancta Maria! (§) — Na porta da sé estava pregado um pregaminho com larga escriptura, que, segundo me affirmou um clerigo velho que ahi chegára quando eu olhava para aquella charta, era o que elles chamam interdito:» — isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

«Que receias, Lourenço Viegas? — Dei a Coimbra um bispo que me excommunga, porque assim o quiz o papa: dar-lhe-hei outro que me absolva, porque eu assim o quero. Vem comigo á sé. — Bispo D. Bernardo, tarde será o arrepender-te da tua ousadia!»

D'alli a pouco as portas da sé estavam abertas porque o sol era nado, e elrei acompanhado de Lourenço Viegas, e de dous pagens, atravessava a egre-

(§) Hoje Terra da Feira, proxima do Porto, na estrada de Coimbra.

ja, e se dirigia á crasta, onde ao som de campã tãgida tinha mandado ajunctar o cabido, com pena de morte para o que ahí faltasse.

Solemne era o espectáculo que apresentava a crasta da sé de Coimbra. O sol dava com todo o brilho de manhã purissima por entre os pilares que sustinham as abobadas dos cubertos, que cercavam o pateo interior. Ao longo desses cubertos caminhavam os conegos com passos lentos, e as largas roupas lhes ondeavam ao bafo suave do vento matutino. No topo da crasta estava elrei, em pé, encostado ao punho da espada, e um pouco atraz d'elle Lourenço Viegas e os dous pagens. Os conegos iam chegando, e formavam um semicirculo a pouca distancia delrei, em cujo capello de ferro burnido ferviam buliçosos os raios do sol.

Toda a cleresia da sé estava alli apinhada, e elrei, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia involto em fundo pensar. — O silencio era completo.

Por fim D. Affonso Henriques ergueu o rosto, carancudo e ameaçador :

«Conegos da sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o rei de Portugal?» —

Ninguém respondeu palavra.

«Se o não sabeis, dir-vo-lo-hei eu : — proseguiu elrei — vem assistir á eleição do bispo de Coimbra. —»

«Senhor, bispo temos : — não ha ahí nova eleição : — disse o mais velho e auctorizado dos conegos que estavam presentes, e que era o *adayão*.

«Amen : responderam os outros.»

«Esse que vós dizeis — bradou elrei, cheio de colera — esse jámais o será ; tirar-me quiz elle o nome de filho de Deus ; eu lhe tirarei o nome de seu vigario. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra : — nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das sanetas escripturas ! Elegei outro : eu approvarei vossa escolha.»

«Senhor, bispo temos : — não ha ahí nova eleição, repetiu o *adayão*.

«Amen : — responderam os mais.

O furor de D. Affonso subiu de ponto com esta resistencia : — «Pois bem ! disse elle, com a voz preza na garganta, depois de um olhar terrivel que lançou pela assemblea, e de alguns momentos de silencio : Pois bem ! — Sahi daqui gente orgulhosa e má ! Sahi, vos digo eu. Alguem por vós elegerá um bispo»

Os conegos fazendo uma profunda reverencia encaminharam-se para as suas cellas, ao longo das arcarias da crasta.

Entre os que alli se achavam um negro, vestido de habitos clericães, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquella scena : os seus cabellos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando elrei fallava, elle sorria-se e meneava a cabeça como quem approvava o dicto. Os conegos começavam a retirar-se, e o negro ia apoz elles. D. Affonso fez-lhe um signal com a mão. O negro voltou para traz.

«Como has nome ? — perguntou-lhe elrei.

«Senhor, hei nome Çolleima.» (::::)

«És bom clerigo ?»

«Na companhia não ha dous que sejam melhores.»

«Bispo serás, D. Çolleima. Vae tomar teus guisamentos ; que hoje me cantarás missa.»

(::::) E' notavel coincidencia a seguinte. Em 1088 um presbitero por nome Zoleima fez uma doação á Sé de Coimbra. Desta doação se lembra Fr. Antonio Brandão M. L. P. 3.^a L. 8.^o Cap. 5.^o pag. 13 col. 2.^a in fine.

O clerigo recuou : naquella face tisonada viu-se uma contracção de susto.

«Missa não vos cantarei eu, senhor : — respondeu o negro com voz tremula — ; que para tal auto não tenho as ordens requeridas.»

«D. Çolleima, repara bem no que te digo ! — Sou eu que te mando vas vestir as vestiduras de missa. Escolhe : ou hoje tu subirás os degraus do altar mór da sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos hombros, e rolará pelas lagens deste pavimento :»

O clerigo curvou a fronte.

«*Kirie-cleyson. . . Kirie-cleyson. . . Christe-cleyson!* gargauteava d'ahí a pouco D. Çolleima, revestido dos habitos episcopaes, juncto ao altar da capella mór. Elrei D. Affonso Henriques, o Espadeiro, e os dous pagens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

Era noite. Em uma das sallas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande saráu. Donas e donzellas assentadas ao redor do aposento ouviam os trovadores, repetindo ao som da viola e em tom monotonico suas magoadas endexas, ou folgavam e riam com os arremedilhos satiricos dos truões e farceistas. Os cavalleiros em pé, ou fallavam de aventuras amorosas, de justas e de torneios, ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiros. Para um dos lados, porém, entre um labyrintho de columnas, que davam saida para uma galleria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negocio mais grave do que os prazeres de noite de folguedo permittiam. Eram estas personagens elrei D. Affonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas, e Gonçalo de Sousa o Bom : os gestos dos quatro cavalleiros davam mostras de que elles estavam vivamente agitados.

É o que affirma, senhor, o mensageiro — dizia Gonçalo de Sousa — que me enviou o abbade do mosteiro de Tibães, onde o cardeal dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos suppoem hereje. Em todas as partes por onde o legado passou, em França e Hespanha, vinham a lhe beijar a mão reis, principes, e senhores : a eleição de D. Çolleima não póde por certo ir ávante»

«Irá, irá ! — respondeu elrei em voz tão alta que as suas palavras reboaram pelas abobadas do vasto aposento. — «Que o legado tenha tento em si ! — Não sei eu se haveria ahí cardeal, ou apostolico, que me estendesse a mão para eu lh'a beijar, que pelo cotovelo lh'a não cortasse fóra a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores ? — Vilezas, não as farei eu !»

Isto foi o que se percebeu daquella conversação : os tres cavalleiros fallaram com elrei ainda por muito tempo ; mas em voz tão baixa, que ninguem percebeu mais nada.

Dous dias depois o legado do papa chegou a Coimbra : mas o bom do cardeal tremia em cima da sua possante mula, como se maleitas o houveram tomado. As palavras delrei tinham sido ouvidas por muitos, e alguem as havia dicto ao legado.

Todavia apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de animo, encaminhou-se direito ao alcaçar real.

Elrei o saiu a receber acompanhado de senhores e cavalleiros : — com modos cortezes o guiou á salla de seu conselho, e ahí se passou entre elles o que ora ouvireis contar.

«Elrei estava assentado em seu throno : diante

delle o legado em um assento raso, posto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavalleiros cercavam o throno real.

« Dom cardeal — começou elrei — que viestes vós fazer a minha terra? — Posto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que de seus grandes thesouros me manda o senhor papa para estas hostes que faço, e com que guerreiro noite e dia os infieis da frontaria. Se isto trazeis, acceitar-vo-lo-hei: depois, desembaraçadamente podeis seguir vossa via.»

No animo do legado a colera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras d'elrei, que eram de amargo escarneo.

« Não a trazer-vos riquezas — atalhou elle — mas a ensinar-vos a fé vim eu, que della parece vos esquecesteis tractando violentamente o bispo D. Bernardo, e pondo em seu lugar um bispo sagrado com vossas manoplas, victoreado só por vós com palavras blasphemias e maldictas...»

« Callae-vos, dom cardeal — gritou elrei — que mentis pela gorja! — Ensinar-me a fé?! — Tão bem em Portugal, como em Roma, sabemos que Christo nasceu da Virgem; tão certo como vós outros irmãos cremos na Sancta Trindade. Se a outra cousa virdes, amanhã vos ouvirei: hoje podeis-vos ir.»

E ergueu-se: os olhos lhe chamejavam furor. Toda a coragem do legado desapareceu como fumo, e sem atinar com resposta, saiu do aposento real.

O gallo tinha cantado tres vezes: pelo arrebol da manhã o cardeal partia afforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

Elrei foi um dos que despertaram mais tarde. Os sinos harmoniosos da sé costumavam acorda-lo tocando ás avemarias: naquella dia ficaram mudos; e quando elle se ergueu havia mais de uma hora que o sol subia para o alto dos ceus, da banda do oriente.

« Misericordia! misericordia! » — gritavam devotamente homens e mulheres á porta do alcaçar, com alarido infernal. Elrei ouviu aquelle ruido.

« Que vozes são estas que soam? » — perguntou elle a um pagem.

O pagem lhe respondeu chorando:

« Senhor — o cardeal excommungou esta noite a cidade, e partiu: as egrejas estão fechadas; os sinos, já não ha quem os toque; os clerigos fecham-se em suas pousadas. A maldicção do sancto padre de Roma caiu sobre nossas cabeças.»

Outra vez soou á porta do alcaçar — « Misericordia! Misericordia! »

« Que enfriem e sellem o meu cavallo de batalha foveiro. Pagem! — que enfriem e sellem o meu melhor corredor! »

Isto dizia elrei, encaminhando-se para a salla d'armas. Ahi envervou á pressa um saio de malha, e pegou em um montante, que apenas dous portuguezes dos de hoje valeriam a alevantar do chão. O pagem tinha saído, e d'alli a pouco o melhor cavallo de batalha que elrei tinha, tropeava e rinchava á porta do alcaçar.

Um clerigo velho montado em uma alentada mula branca, vindo de Coimbra, seguia o caminho da Vimieira, e de instante a instante espicaçava os ilhaes da cavalgadura com seus acicateos de prata: em duas outras mulas iam ao lado delle dous mancebos com caras e meneios de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando por seus meneios e idade que aprendiam ainda as pueris, ou ouviam

as grammaticaes (*). Era o cardeal que se ia a Roma com dous sobrinhos seus que o haviam acompanhado.

Entretanto elrei partira de Coimbra sosinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram em seus paços, souberam que era partido apoz o legado. Temendo o character violento de D. Affonso, os dous cavalleiros lhe seguiram a pista á redea solta, e iam já mui longe quando viram o pó que elle fazia, correndo ao longo da estrada, e o reflexo do sol batendo de chapa no seu capello de ferro brunido.

Os dous fidalgos esporearam com mais força os ginetes e breve alcançaram elrei:

« Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leaes cavalleiros, tão cedo e aгодadamente? » —

« Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim... »

A estas palavras os cavalleiros transpunham uma assomada, que encubria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardeal com os dous mancebos das opas, e cabellos tonsurados.

« Oh!... disse elrei. Esta unica interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera ahi que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preta descuidada.

« *Memento mei, Domine, secundum magnam misericordiam tuam!* — resou o cardeal em voz baixa e tremula; quando, ouvindo o tropear dos cavallo, voltou os olhos e conheceu elrei.

Em um instante este o tinha alcançado. Ao passar por elle, travou-lhe do cabeção do vestido, e em um relance ergueu o montante: felizmente os dous cavalleiros arrancaram as espadas, e crusaram-as debaixo do golpe que já descia sobre a cabeça do legado: os tres ferros feriram fogo; mas a pancada deu em vão, aliás o craneo do pobre clerigo teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares.

« Senhor, que vos perdeis, e nos perdeis, ferindo o unguido de Deus » — gritaram os dous fidalgos com vozes afflictas.

« Rei — disse o velho chorando — não me façam mal; que estou á tua mercê! » Os dous mancebos tambem choravam.

D. Affonso deixou descair o montante, e ficou em silencio alguns momentos.

« Estás á minha mercê: — disse elle por fim. — Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja alevantada a excommunhão lançada sobre Coimbra, e jura-me em nome do padre sancto, que nunca mais em meus dias será posto interdicto nesta terra portugueza, que ás lançadas conquistei aos mouros. Em refens deste pacto ficarão teus sobrinhos: se no fim de quatro mezes, de Roma não vierem letras de bençam, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos hombros. Apraz-te este contracto? »

« Senhor, sim! » — respondeu o legado com voz sumida.

« Juras? »

« Juro. »

« Mancebos, acompanhae-me. »

Dizendo isto elrei fez um aceno aos sobrinhos do legado, que com muitas lagrymas se despediu delles e sósinho seguiu o caminho da terra de Sancta Maria.

(*) Estudos menores ou preparatorios. Assim parece se chamavam na idade media. *Darin lerut ich puerilia*, diz Hans Sachs no seu *Lebensbeschreibung*: — e o bispo do Porto, D. Pedro Affonso afirma de seu predecessor D. João Gomes: *erat bonus homo, et sine aliqua malitia, sed jura aliqua non audiverat, immò nec grammaticalia, quod est plus.*

D'ahi a quatro mezes D. Colleima dizia missa pontifical na capella mór da sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bençam de Roma; e os sobrinhos do cardeal montados em boas mulas iam cantando devotamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa:

In exitu Israel de Ægypto.

Conta-se, todavia, que o papa levára a mal, no principio, o pacto feito pelo legado; mas que por fim tivera dó do pobre velho, que muitas vezes lhe dizia:

“Se tu, sancto padre, viras sobre ti um cavalleiro tão bravo ter-te pelo cabeção, e a espada nua para te cortar a cabeça; e seu cavallo tão feroz arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não somente deras as letras, mas o papado, e cadeira de S. Pedro.”

Aqui o licenciado callou-se, e fechou o livro, e disse a Fernão Cardoso, que parecia desejoso de ainda o escutar por mais tempo:

“Já tinheis ouvido esta historia?”

“A sé, que não, com tanta miudesa. Folgára de ouvir-vos lêr cousas destas, que mui curiosas são.”

“Muitas ha nas velhas chronicas de não menos folgar; mas andam esquecidas, como o andam as virtudes dos nossos maiores. Se, porém, isso vos apraz, voltaí quando quizerdes, e eu vos lerei quanto vos aprouver.”

“Grande mercê me fareis: respondeu o pagem da toalha; mas será de dia; que estas noites invernosas não são para sair do paço.”

Neste momento o mestre cantor bocejou, acordou, e esperguiçou-se. Fernão Cardoso poz-se em pé, e despedindo-se dos dous, saiu, e d'ahi a pouco corria a todo o galope para os paços reaes, levando já mudado o proposito de não tornar a passar pela rua da Oliveira, mas firme no de não se fiar mais em convites do mui affamado Pero do Porto, ex-cantor mór da sé de Valença, e mestre da capella do cardeal D. Affonso.

(A. H.)

ARDIL DE GUERRA.

No cerco que o infante D. Affonso, conde de' Bologha, que succedeu na coroa a seu irmão D. Sancho 2.^o, poz a Celorico da Beira, por Fernão Rodrigues Pacheco, alcaide mór do castello, lho não querer entregar, segundo tinha delle feito homenagem a elrei, vendo que não podia colher os cercados por força, determinou toma-los á fome. Durou o cerco tanto que vindo a faltar os mantimentos aos de dentro foram postos em tanta estreiteza de fome, que por não morrerem tão desesperada morte como se lhes offerecia, estavam para entregar a fortaleza. Mas succedeu que neste aperto passou uma aguia, que se levantou do Mondego, voando por cima do castello, no qual deixou cahir uma truta que nas unhas trazia; e tomando-a Fernão Rodrigues, vendo-a tão formosa e fresca, a mandou aparelhar e pôr em pão de milho, como diz o chronista Rui de Pina, e a mandou em presente ao conde, dizendo-lhe que bem o podia ter tão cercado quanto sua vontade fosse, mas que se por fome esperava de o tomar que visse se os homens que daquella vianda estavam abastados teriam rasão de contra suas honras lhe entregar o castello. D. Affonso, e os que o presente viram ficaram maravilhados, não sabendo como aquillo fosse, e julgando que dilatar mais o cerco era perder tempo de balde o levantou, ficando o castel-

lo livre com este singular estratagem, que foi depois commemorado nas armas de Celorico.



Bordallo del.

Coelho grav.

CAVALLEIRO D'AVIZ.

INSTITUIÇÃO DAS ORDENS MILITARES EM PORTUGAL.

I

ORDEM DE AVIZ.

FORAM as ordens militares na sua origem instituidas e admittidas neste reino para defensão de seus moradores, e para ajudarem a libertar do poder dos mouros as terras que tinham usurpado, militando contra os infieis assim por mar como por terra, segundo o dizem largamente os summos pontifices nas bullas de suas instituições: veio porem a decahir com o lapso dos tempos este seu exercicio, e as insignias destas ordens se converteram em moeda d'honra com que hoje se pagam os maiores serviços.

Tractaremos neste artigo da fundação da ordem de S. Bento de Aviz, e successivamente iremos dando aos nossos leitores as noticias que pudermos alcançar ácerca da instituição das outras ordens militares em Portugal.

Teve principio esta ordem na união de certos cavalleiros portuguezes que por alcançarem honra pelas armas fizeram tantas obras valorosas, pelejando

contra os mouros, que vendo elrei D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa e d'outros muitos logares o extremo de valentia de cada um, e conhecendo quão proveitosa era esta liga para a conquista do reino, determinou de lhe dar rendas, e de a reduzir a um modo de vida regular: para isto mandou chamar o abba de S. João de Tarouca e outros prelados do reino, e junctos em Coimbra no anno 1162, com auctoridade do bispo d'Ostia, legado á *latere* de Alexandre 3.^o, lhe deram a regra de S. Bento com a reformação de Cister, e elegeram por primeiro Mestre desta nova milicia a D. Pedro Affonso, irmão bastardo d'elrei.

Assim durou esta cavallaria, que naquelles primeiros tempos se chamava *ordem nova*, até o anno 1166 em que Giraldo Sem-pavor ganhou aos mouros a cidade d'Evora, para onde a transferiu elrei, e lhe assignou uma parte da cidade a que depois chamaram *Freiria*, onde os novos cavalleiros fizeram uma igreja para frequentação do culto divino, e um hospital para os que sahiam feridos das batalhas que de continuo tinham com os mouros, pelo que se ficaram intitulado cavalleiros da *ordem d'Evora*. Como porem D. Pedro Affonso se metteu monge em Alcobaca elegeram por Mestre a Gonçalo Viegas, que foi o primeiro que tiveram por eleição da ordem.

Alguns annos depois vendo elrei que a ordem de Calatrava fôra confirmada por Alexandre 3.^o no anno 1164, e a d'Evora não tinha a confirmação da sé apostolica, ainda que a houvera de seu legado, parecendo-lhe que poderia declinar de sua reformação, assim espirital como temporal, determinou de a reduzir á obediencia de Calatrava; e tractando este seu intento com o Mestre d'Evora, de accordo com os uais cavalleiros, avisou ao Mestre de Calatrava Fr. Rodrigo Garcez a acceitasse á sua obediencia, o que elrei conseguiu, ficando os d'Evora sujeitos á visitação do Mestre de Calatrava, que presidia nas eleições dos Mestres d'Evora, e lhes mandava as leis e estatutos que convinham ao bom governo e reformação da ordem.

Morto Gonçalo Viegas foi eleito em seu lugar D. Fernando Annes, o qual começou a desempenhar as obrigações do cargo pedindo a confirmação da ordem ao papa Innocencio 3.^o, e fazendo guerra aos infieis com tão prospera fortuna que lhes conquistou muitos logares fortes (*). E porque já o logar de Evora não era conveniente á observancia dos cavalleiros, por ficar affastado da habitação dos mouros, resolveu buscar outro mais mettido entre o inimigo, e achando-o não longe da antiga villa de Vayamonte em um logar alto, onde viu sobre uma arvore duas aguias, tendo-as por favoraveis agouros, ahi fez lançar os alicerces da fortaleza, que tomou [como diz a tradição] o nome de Aviz por allusão a estas aves, e para ella trasladou a ordem em 1213, reinando em Portugal D. Affonso 2.^o. Fernão Rodrigues Monteiro, que lhe succedeu, foi o primeiro Mestre de Aviz e quarto em ordem desta religião.

Era a fórma do habito destes cavalleiros um escapulario curto com capello de côr preta. Elrei D. Affonso 4.^o pediu ao papa Innocencio 6.^o transmutação do capello em cruz verde, e este no anno 1352 expediu um breve pelo qual ordena que tragam a cruz verde sobre o peito esquerdo em fórma de flor de lis, visto ser o escapulario embaraço para as armas. Alem da cruz usavam no convento e fóra delle, nos actos ecclesiasticos, de um habito branco

(*) Foi este Mestre de grande nome e temor dos mouros, e ficou entre elles muitos annos como em proverbio, porque quando rogavam alguma praga tinham que era a maior dizer: *golpe de Fernando Annes te alcança*.

mui rogagante, com a mesma cruz do peito e o remate da fimbria posterior mui comprido, como representa a nossa estampa.

No reinado d'elrei D. João 1.^o, que fôra Mestre de Aviz antes de subir ao throno, quiz o Mestre de Calatrava D. Gonçalo Nunes de Gusmão visitar a ordem com o intuito de a reformar, vendo que pelas guerras passadas se relaxára muito da sua observancia, e sabendo elrei como elle era vindo a Portugal para este fim, mandou avisar ao Mestre de Aviz, que neste tempo era Fernão Rodrigues de Sequeira, que se o de Calatrava viesse ao seu convento lhe fizesse toda a honra como a hospede, mas não como a prelado e superior, fundando-se ao que parece na bulla de Urbano 6.^o, que confirmava a eleição de Fernão Rodrigues, a qual tinha sido feita sem assistencia dos votos de Calatrava. Quando D. Gonçalo viu os cavalleiros tão pouco obedientes, achando-se em reino estranho não pôde fazer mais que protestar e deixar excommunhões, e voltando para Castella se mandou queixar ao concilio de Basilea, e pedir justiça contra o Mestre de Aviz e seus cavalleiros. Deferiu o papa Eugenio 4.^o a suas queixas, achando-se porem D. Affonso Pereira no dito concilio por embaixador d'elrei D. Duarte tratou o negocio com tão bom exito que não só impediu os rigores com que o papa queria castigar o Mestre e cavalleiros de Aviz, mas alcançou d'elle perpetua isempção para esta ordem, pela qual ficou livre da sugeição que tinha ao Mestre de Calatrava.

Professavam os cavalleiros com a regra de S. Bento os tres votos essenciaes de pobreza, obediencia e castidade absoluta, com a mesma inteireza que as mais religiões monachaes e mendicantes, até o anno 1496, em que a instancia d'elrei D. Manuel, e por industria do Cardeal D. Jorge da Costa, o papa Alexandre 6.^o commutou o voto de castidade absoluta desta ordem e da de Christo em castidade conjugal; e no anno de 1505 relaxou o papa Julio 2.^o o voto de pobreza, concedendo aos cavalleiros de ambas as ordens poderem testar de todos os seus bens. Em remuneração dos serviços que fizeram a este reino lhe deram os reis delle 13 villas e 49 commendas mui rendosas assim dentro como fóra das terras do mestrado.

Fernão Rodrigues de Sequeira, vigessimo terceiro Mestre de Aviz, foi o ultimo que por eleição da ordem subiu a esta dignidade: por sua morte tractou elrei D. Duarte de prover no mestrado o infante D. Fernando seu irmão, que foi o primeiro governador e administrador da ordem. Em 1443 morreu este virtuosissimo infante captivo em Fez, e succedendo-lhe seu sobrinho D. Pedro, filho do infante D. Pedro duque de Coimbra, por sua morte passou a administração a elrei D. João 2.^o, que cedeu della a favor de seu filho o principe D. Affonso. Succedeu-lhe finalmente o senhor D. Jorge, filho illegitimo do mesmo rei D. João 2.^o, e por sua morte se uniram á corôa os mestrados de todas as ordens militares do reino.

EMPRESA ARRISCADA, E ATREVIDA DE DIOGO BOTELHO PEREIRA.

Não são raras entre os portuguezes as acções que demonstram a sua fidelidade, arrojo, e valentia. Uma das mais brilhantes, de que a historia faz menção, é em verdade a arriscada e atrevida empresa do destemido Diogo Botelho Pereira, cujo nome e acções merecem mui distincto logar na memoria dos presentes, e vindouros.

Nasceu Diogo Botelho Pereira em Cochim no

tempo que governava a India o vice-rei D. Francisco d'Almeida. Foi filho natural d'Antonio Real, capitão da fortaleza de Cochim, e de Iria Pereira que este levava comsigo de Portugal; a qual ficando rica por morte do referido Antonio Real, o educou com muito mimo e esmero. Inclinou-se Diogo Botelho ao estudo da geographia, e artes nauticas, em que por seus talentos fez avantajados progressos, constituindo-se um habil piloto; e emendando muitos erros dos antigos mappas nas cartas maritimas que compoz; sem que todavia estes estudos o arredassem do uso das armas, a que o chamava o seu genio audaz, e emprehendedor.

Tendo assim adquirido bons creditos e reputação, veio a Portugal, onde elrei D. João 3.^o o tractou com distincção, entretendo-se muitas vezes com elle ácerca dos negocios da India, e da navegação; e lhe deu o foro de fidalgo; mas não lhe deferindo a um requerimento em que pedia a fortaleza de Chaul, teve Diogo Botelho a indiscrição de soltar algumas palavras na presença de D. Antonio de Noronha, escrivão da puridade, dando a entender que mudaria de patria; o que sabido por elrei, e lembrando-se do caso de Fernão de Magalhães, a quem Diogo Botelho não cedia em valor, e sobrepujava em conhecimentos, o mandou prender no castello de Lisboa, e conservou a bom recato até á epocha em que foi nomeado vice-rei da India o conde almirante D. Vasco da Gama, que a rogo d'alguns fidalgos pediu a elrei para o levar comsigo, o que lhe foi concedido debaixo da condição de não tornar mais a Portugal, sem expressa ordem d'elrei.

Chegando a Goa, continuou Diogo Botelho a servir, passando os invernos em Cochim, por ter alli amigos que faziam com que lhe fossem pagos com exactidão os seus soldos. Andava elle espreitando alguma occasião opportuna de vir a Portugal, porem de um modo tão extraordinario que demonstrasse a elrei a sua fidelidade, e desmentisse a quem lhe dissera que queria largar o seu serviço. Com este intento obteve do governador Nuno da Cunha faculdade para armar uma fusta com que servisse o Estado, e a construiu em Cochim com vinte dois palmos de quilha, doze de boca, e seis de pontal, isto é, da quilha até á coberta, munindo-a de tudo quanto julgou necessario para uma comprida viagem.

Acabada a fusta, não faltaram maldizentes [pois que o homem de merecimento tem quasi sempre invejosos] que affirmavam ser para Diogo Botelho passar nella ao Mar-roxo, e bandear-se com os turcos. Sabendo disto o doutor Pedro Vaz, vedor da fazenda, lhe tomou a fusta, do que Diogo Botelho se queixou muito até que lhe foi tornada, prestando primeiro juramento de que não iria a parte alguma em que desservisse a elrei de Portugal. Era isto no momento em que o governador negociava com o sultão Badur a construcção d'uma fortaleza em Diu; e devendo tão importante noticia ser logo communicada a elrei por expresso, intentava Diogo Botelho ser o mensageiro della; e com estas ideas foi a Baçaim, onde deixou a fusta; passou a Diu em outra embarcação; alli tomou nota da planta da fortaleza com todo o segredo e cautellas, copiou as capitulações da paz que se havia ajustado entre o sultão Badur, e o governador Nuno da Cunha, para de tudo poder dar a elrei cabal e miuda conta.

Começada a fortaleza sahiu Diogo Botelho de Diu a occultas, e chegando a Baçaim espalhou voz de que o governador o mandava a Chaul; e fez-se de vela nos primeiros dias de Novembro de 1535, levando de tripulação tão sómente cinco portuguezes,

que eram tres creados seus, o mestre, e um Manuel Moreno, e oito escravos marinheiros; e de carga quarenta quintaes de cravo, com os mantimentos e aguada que podia accomodar tão pequena embarcação. Partindo em monção favoravel tomou a costa de Melinde para se refazer d'agua e mantimentos; e neste trajecto descobriu ao mestre e demais portuguezes o verdadeiro objecto da sua viagem, distribuindo logo a cada um certa porção de dinheiro, com promessa de maior e mais avultada recompensa, em chegando a Portugal; e como não se fiava dos escravos, trazia sempre vestida uma saia de malha, e uma espada curta á cinta.

Não eram vãos os seus receios, porque temendo elles os perigos e trabalhos da navegação, se conjuraram para o matar, e aos outros portuguezes, alguns dos quaes vinham doentes; e um dia que sobreveio um aguaceiro repentino, com que arreando as velas, de pancada, cahiram ao mar, accudiu toda a tripulação para as recolher; e neste momento de confusão, e de embaraço, se levantaram os escravos, armando-se de fiskas, espetos, e machados, com uma espada que tinham furtado, arremetteram com o commandante, e os cinco portuguezes, que, apesar de tomados de sobresalto, se defenderam como leões, matando dois, e forçando os restantes a lançarem-se ao mar, onde se afogaram tres: os outros recolheram-se a bordo com promessas de perdão. Morreu nesta briga um portuguez; ficou ferido o mestre; e mais do que elle Diogo Botelho, que recebeu um golpe na cabeça, em consequencia do qual esteve sem falla quatorze dias; e só podia dar as suas ordens por acenos, ou por escripto.

Estando na altura do cabo das Agulhas, duas leguas da terra, deu-lhe um temporal do sul, tão riço que o fez arribar duas vezes, e se viu de todo perdido, por serem os mares muito grossos, que entravam por uma parte da fusta, e sahiam pela outra, de que maravilhosamente escapou. Com este temporal dobrou o cabo da Boa-esperança em Janeiro de 1536, e dirigindo a sua derrota pela ilha de Sancta Helena, não a avistou por causa da escuridão do tempo; e padecendo muitas fomes e sedes por mingarem os viveres, e não poder refazer-se delles, chegou á altura dos Açores. A necessidade forçou Diogo Botelho a ancorar na ilha do Faial, onde tomou agua e mantimentos. Alli esteve em risco de ser prezo, porque foi conhecido pelo corregedor, o qual se lembrava de que tinha ido como degradado para a India, e pensou que viesse fugido; mas Diogo Botelho tirou-se habilmente deste aperto, dizendo-lhe que vinha em uma diligencia tal, que o governador Nuno da Cunha se delle quiz confiar. Livre deste ultimo embaraço deu á vela para Lisboa, em cujo porto entrou a 21 de Maio, muitos dias antes de Simão Ferreira, que o governador mandou logo atraz delle com as cartas d'officio.

Elrei, ainda que estimou sobremaneira a noticia de ter uma fortaleza em Diu, perdoou com difficuldade a Diogo Botelho a sua deserção, e falta d'obediencia. Em tal grau sabia elle manter a disciplina, e subordinação que o subdito deve guardar a seus superiores; e com quanta parcimonia um rei deve perdoar até as mais leves faltas, de cuja impunidade se passa, d'ordinario, a crimes! Foi elrei examinar pessoalmente a fusta, que depois mandou recolher em Sacavem, aonde concorriam todos os nacionaes e estrangeiros a verem, e admirarem um tão pequeno barco, que atravessou tantas mil leguas d'um, e outro oceano. Foi esta uma das viagens que deve entrar em paralelo com as acções mais atrevidas do espirito humano. Passados alguns

annos deu elrei a Diogo Botelho a capitania da ilha de S. Thomé, e depois a de Cananor, onde fez mui relevantes serviços.

Não é menos atrevida a empreza que em nossos dias formaram uns poucos de pescadores d'Olhão, e tanto mais para admirar quanto sua crassa ignorancia contrastava com os conhecimentos de Diogo Botelho. — Em Julho de 1808 se propozeram uns pescadores d'Olhão, pequena povoação na costa do Algarve, a levar ao Rio de Janeiro a noticia da sublevação que alli tinha havido contra os Francezes, que então occupavam o reino. Aprestou-se um pequeno cahique da pesca, da lotação de duas mil arrobos, pouco mais ou menos, em que foi por mestre Manuel Martins Garrocho, e por piloto Manuel d'Oliveira Nobre. Aportaram á ilha da Madeira, onde se refizeram d'agua e mantimentos, e seguiram sua derrota para o Rio de Janeiro, onde o Sr. D. João VI. os acolheu com benignidade e admiração, vindo a ter por elles a primeira noticia de terem os francezes evacuado o Algarve. Todos os habitantes do Rio de Janeiro, naturaes e estrangeiros, ficaram maravilhados de que em tão fragil e pequena embarcação podessem atravessar tantas mil leguas do oceano homens não só leigos nas mais triviaes regras da nautica, mas que nunca se haviam affastado cem leguas da costa de Portugal! Muitos estrangeiros, e principalmente os inglezes, tiraram a planta e dimensões do barco, que conservavam com apreço. O principe regente premiou a tripulação com dinheiro; deu ao mestre o cargo de guarda-mór da saude, e ao piloto o de capitão do porto d'Olhão; ambos tiveram a patente e soldo de primeiros tenentes da marinha, tenças de 200 \$ 000 réis, a condecoração do habito da ordem de Christo, e passagem para voltarem ao reino. O cahique esteve algum tempo conservado para memoria na ilha das cobras, depois foi empregado no serviço do arsenal.

B. L.

METHODO PARA PREPARAR A COLLA DE PEIXE.

PONHAM-SE a ferver a fogo lento as barbatanas, rabos, espinhas, ou cartilagens dos peixes cutaneos, mettidas em agua clara, tendo sido mui bem lavadas, e havendo cuidado de que não lhe entre o fumo em quanto estão ao fogo. Estando tudo bem cozido deixe-se arrefecer, e coe-se por um panno ou peneira: torne-se a pôr ao fogo este extracto com as mesmas cautellas; e quando tenha chegado a ponto de que se coagule uma gota, deixando-a arrefecer, tire-se delle e ponha-se a esfriar não tanto que não se possa estender sendo lançado sobre uma banca de pedra. Em tomando consistencia corta-se em tiras, enrola-se como biscoitos ou argolas, que se enfiarão em cordas ou paus, deixando-as secar á sombra. — Bem sabido é o uso que se faz desta colla, assim nas fabricas como na clarificação dos vinbos, e toda importamos da Hollanda e paizes do norte, podendo-a ter de nossa lavra, e em abundancia, aproveitando aquellas partes dos peixes que lançamos fóra.

REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES.

A CONSERVAÇÃO dos brazões d'armas, appellidos e titulos da nobreza de Portugal, para memoria dos importantes serviços que fizeram os varões que mereceram semelhantes distincções, foi sempre particular objecto do desvelo dos nossos monarchas. Elrei D. Fernando mandou fazer um rico paramento bordado de aljofares com as armas dos fidalgos portu-

guezes. Por fallecimento deste rei, os nobres se dividiram em dois bandos, um que favorecia as pertenções de D. Brites, casada com D. João de Castella, e filha de D. Fernando, e outro que seguia o partido do Mestre d'Aviz, e no final vencimento da causa a favor da dynastia portugueza ficaram desbaratadas e extinctas muitas das familias illustres do bando opposto, e pelo contrario se elevaram outras, que não possuindo armas proprias, adoptaram os brazões antigos, sendo tal a confusão que na batalha de Aljubarrota as bandeiras dos aventureiros estavam cheias de insignias e armas que competiam a outros. Elrei D. João 1.^o, considerando no prejuizo e desar que disto se seguia para a nobreza, a exemplo dos reis de Inglaterra, com quem pelo seu casamento com D. Philippa de Lencastre estava aparentado, introduziu em Portugal o officio dos reis d'armas; em cujos livros se pintavam as insignias de todas as linhagens do reino.

Elrei D. Manuel não achando ainda perfeita esta instituição, mandou Antonio Rodrigues, seu rei de armas, a varias côrtes da Europa estudar as obrigações e usos que observavam os officiaes da nobreza, fez examinar as sepulturas pelo reino em que havia brazões e escudos, estabeleceu regimento aos officiaes da armaria, e construiu no paço de Cintra o magnifico salão, que alli se vê, no tecto do qual estam pintados os escudos com suas côres, e timbres de 74 familias além dos pertencentes aos troncos da Casa Real: como consta da chronica do mesmo rei escripta por Damião de Goes, 4.^a parte cap. 36.

Além dos reis d'armas ha outros officiaes chamados arautos e passavantes. Os arautos, cujo nome parece vir do allemão *herold*, gosavam de grande immunidade nas guerras, sendo os mensageiros dos recados dos principes, e tomavam o nome da principal cidade do reino. Os passavantes tinham o nome da principal villa da sua provincia; e era seu officio andar por varias provincias, vendo os usos e costumes dellas.

Temos tres de cada um destes officiaes; e seus nomes são. — Rei d'armas Portugal, arauto Lisboa, passavante Santarem. — Rei d'armas Algarve, arauto Sylves, passavante Lagos. — Rei d'armas India, arauto Goa, passavante Cochim.

Incumbia aos reis d'armas, segundo o regimento d'elrei D. Manuel, terem um livro da respectiva provincia para registo de todas as familias nobres, onde se notavam todos os casamentos e nascimentos; deviam estudar a sciencia do brazão; tomar lembrança de todos os feitos d'armas; e só elles assignavam as cartas d'armas concedidas de novo.

É sua obrigação assistirem aos monarchas nos actos solemnes e publicos.

Primeiro luto preto em Portugal. — O primeiro luto desta côr, que se tomou neste reino, foi por morte de D. Philippa, tia d'elrei D. Manuel: até este tempo o luto era de burel branco.

TAES somos e fomos sempre os homens que só nos lembra quem nos faz bem, em quanto esperâmos que no-lo torne a fazer.

P.^o LUCENA. — *Vid. de S. Franc. Xavier.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.